



Cinco agendas para transformar a filantropia na América Latina e no Caribe

Outubro 2025



Dalberg

Com o apoio de:



Prólogo

Cheguei à Fundação Rockefeller exatamente no período em que a cooperação internacional começou a declinar. Aquele momento revelou uma fragilidade que havíamos aceitado por tempo demais: a crença de que nossas agendas de desenvolvimento poderiam ser sustentadas apenas com financiamento externo, sem a construção de uma base local sólida.

Para mim, a notícia foi ao mesmo tempo um chamado urgente e uma oportunidade para redefinir o papel da filantropia na região, olhar para dentro e nos perguntar como queremos começar a moldar nossa própria transformação.

Assumi o cargo de vice-presidente na Fundação Rockefeller com uma convicção clara: a América Latina e o Caribe têm tudo o que é preciso para promover uma transformação real na forma como trabalhamos. Temos talento, capital, criatividade e uma impressionante capacidade de inovar. Já provamos isso muitas vezes, com modelos sociais que hoje são replicados em outras partes do mundo e com comunidades que, diante de grandes crises, não se abalam, mas se reinventam.

Por isso, ficou claro que o primeiro passo no retorno da Fundação à nossa região não deveria se concentrar em desenhar novas estratégias ou lançar projetos, e sim em ouvir. Ouvir de verdade: com humildade, sem roteiros pré-definidos, sem a pressa de ter todas as respostas. Afinal, as transformações não nascem de ideias preconcebidas, mas de uma compreensão profunda do contexto e das pessoas que o vivenciam.

Os últimos meses foram de escuta ativa. Ouvimos desejos claros de colaboração, mas também pedidos por mais humildade. Ouvimos frustrações legítimas com modelos que não se adequam às realidades locais. E, acima de tudo, ouvimos um anseio: que a filantropia deixe de ser reativa e se torne uma força transformadora, capaz de assumir riscos, apoiar processos de longo prazo e construir legitimidade começando a nível local.

Após esses meses de diálogo, essas vozes se refletem agora em cinco agendas concretas. Elas não são “as agendas da Fundação Rockefeller”, mas sim o resultado de uma aspiração coletiva. E, para nós, representam também o ponto de partida do nosso retorno a uma região

onde parte da história e do legado da Fundação teve início.

Esperamos ser catalisadores, não protagonistas. Queremos assumir riscos em parceria e amplificar as inovações que já estão impulsionando a mudança.

A conversa que queremos provocar com este documento é simples, mas profunda: a América Latina e o Caribe podem transformar sua filantropia em uma força coletiva, sustentável e transformadora?

Estamos otimistas e convencidos de que sim.



Lyana Latorre

Vice-Presidente para a América Latina e o Caribe

Introdução

Qual é a oportunidade estratégica para a filantropia na América Latina e no Caribe?

De desastres ambientais a agitações sociais, as crises recentes colocaram à prova a filantropia em toda a América Latina e no Caribe, revelando tanto sua capacidade de resposta quanto seus limites. As organizações se mobilizaram rapidamente para apoiar comunidades marginalizadas, mas essas emergências também expuseram as limitações dos modelos atuais e levantaram questões importantes: **a filantropia está realmente mudando sistemas ou apenas respondendo a crises isoladas? Os setores público, privado e social estão unindo suas forças ou operam de forma isolada?**

O setor filantrópico agora enfrenta uma escolha: continuar atuando com abordagens tradicionais ou buscar uma transformação profunda.

Nas últimas duas décadas, a região alcançou avanços significativos e demonstrou uma notável capacidade de se adaptar aos desafios crescentes. Movimentos populares impulsionaram avanços legislativos em direitos indígenas e igualdade de gênero. A conectividade digital chegou a comunidades rurais, enquanto ecossistemas vibrantes de inovação social e empreendedorismo têm dado origem a novos modelos de desenvolvimento. Em resposta às mudanças climáticas, a região também registrou progressos significativos em conservação, protegendo mais de 24% de seu território e 17% de suas áreas marinhas.

Ainda assim, os problemas estruturais persistem e, em alguns casos, se agravaram. Há mais de três décadas, a América Latina e o Caribe permanecem como a região mais desigual do mundo. Os 10% mais ricos ganham doze vezes mais do que os 10% mais pobres. Cerca de 200 milhões de pessoas vivem na pobreza e 70 milhões em extrema pobreza. A violência continua acima das médias globais, enfraquecendo a coesão social. Oito países já se encontram na “zona vermelha” mundial de risco climático.

A filantropia tem desempenhado um papel fundamental. Ela tem direcionado recursos para comunidades marginalizadas e agendas negligenciadas, além de

contribuir para o fortalecimento de organizações locais, com inúmeros exemplos. Na Guatemala, a filantropia tem apoiado programas de educação bilingue e intercultural que preservam as línguas maias e melhoram os resultados de aprendizagem. No México, tem contribuído para ampliar a atenção primária à saúde e aos serviços materno-infantis em regiões carentes. No Brasil, tem fortalecido comunidades quilombolas na integração de conhecimento ancestral à gestão territorial. Em todo o Caribe, tem reforçado a resiliência comunitária diante das mudanças climáticas.

Esses esforços refletem um ecossistema filantrópico com vantagens e desafios Mais da metade das organizações filantrópicas da região foram criadas após o ano 2000. As raízes do setor estão ligadas à Igreja Católica, que, desde os tempos coloniais, promove valores de solidariedade e serviço comunitário, ainda que, muitas vezes, com foco na caridade. As fundações empresariais dominam o cenário, especialmente no Brasil, na Colômbia e no México. Além disso, a dependência histórica da cooperação internacional reduziu a pressão para diversificar as fontes de recursos.

Hoje, a urgência dos desafios da região cria condições favoráveis para acelerar a evolução da filantropia. Mesmo com o declínio da ajuda internacional, a crescente polarização política e o desaquecimento da economia global, uma nova geração de líderes está determinada a repensar a filantropia. Nossas conversas com diferentes atores do setor deixaram isso claro: a forma como a filantropia opera precisa mudar. Como disse uma liderança de fundação: **“essa transformação não se trata de seguir tendências ou causas da moda, mas de responder com seriedade aos desafios que ameaçam o futuro da região.”**

Aproveitar o momento exige mais do que retórica. As vozes que ouvimos apontaram para cinco agendas de transformação interconectadas. Cada uma delas é essencial para o futuro do setor e ainda não foi implementada de forma coordenada ou consistente:

- **Colaboração genuína:** conexões não faltam, mas a colaboração que realmente transforma sistemas é rara na região. Evoluir da coordenação para a ação coletiva significa adotar uma colaboração radical, que compartilha poder e risco e aprende a colocar a mudança sistêmica acima dos logotipos institucionais.
- **Mobilização de mais recursos:** a falta de capital não é o problema na região; o verdadeiro desafio está em ativá-lo e direcioná-lo para gerar impacto. Mobilizar mais recursos significa abrir caminhos para que cidadãos, famílias, empresas e doadores globais alinhem suas motivações e papéis estratégicos, transformando recursos latentes em compromissos sustentáveis.
- **Financiamento estratégico:** o impacto da filantropia depende não apenas do quanto é doado, mas também de como os recursos são estruturados e gerenciados. A transição da caridade de curto prazo para o investimento social de longo prazo pode impulsionar mudanças sistêmicas, com financiamento sustentável, adaptável, acessível e coordenado entre os setores.
- **Filantropia com liderança local:** reconhecer as comunidades como protagonistas e não apenas beneficiárias, amplia o alcance e a efetividade do impacto. Transformações reais ocorrem quando as próprias comunidades definem prioridades, definem o que constitui impacto e co-criam soluções, assegurando que a transformação seja liderada e apropriada localmente.
- **Elevação dos padrões:** a filantropia não conseguirá responder aos desafios da região sem investir em si mesma. O fortalecimento de sua infraestrutura exige a profissionalização do setor, o desenvolvimento de sistemas compartilhados de dados e mensuração, além de maior investimento nos atores que conectam o ecossistema.

Propósito deste documento

Este documento é um chamado à ação para a diversidade de atores que compõem o ecossistema filantrópico da América Latina e do Caribe. Não pretende ser um diagnóstico exaustivo do setor, já que muitos relatórios o analisam em profundidade. Tampouco busca traçar um roteiro para a região. Em vez disso, tem como propósito:

- Apresentar um conjunto de agendas que, segundo as diversas vozes consultadas, representam os pontos de alavancagem mais críticos do setor para alcançar uma transformação sistêmica.
- Evidenciar tanto os consensos emergentes quanto as tensões dentro do ecossistema, reconhecendo que ambos são necessários para avançar.
- Promover conversas ousadas, decisões fundamentadas e alianças ambiciosas entre atores que historicamente atuaram de forma isolada; e
- Abrir portas, construir pontes e fortalecer agendas emergentes, reconhecendo que o futuro da filantropia na região será construído por meio da diversidade e da experimentação, não da uniformidade ou da rigidez.

Como este relatório foi construído

Este relatório é o resultado de um esforço colaborativo entre a Fundação Rockefeller, Dalberg e a The Resource Foundation. Reflete um amplo processo de escuta, concebido para captar a diversidade e a complexidade do ecossistema filantrópico da região. Reconhecendo que nenhuma voz isolada pode retratar o quadro completo, foi realizado um processo de consulta voltado a incluir a mais ampla gama possível de experiências e perspectivas.

Ao todo, mais de 70 líderes de toda a região compartilharam suas perspectivas por meio de entrevistas e grupos focais, incluindo organizações filantrópicas, empresas, grupos da sociedade civil e atores locais. O processo buscou refletir as trajetórias, fortalezas e diferenças sub-regionais.

Também analisamos mais de 40 relatórios e estudos, organizados em três categorias: (1) diagnósticos e tendências da filantropia na região; (2) publicações sobre investimento de impacto, cooperação internacional e mecanismos de financiamento; e (3) documentos temáticos e marcos conceituais voltados ao fortalecimento da capacidade institucional. Essa revisão, complementada por estudos de caso de diferentes países, contribuiu para fundamentar as conclusões em uma base de evidências sólida e diversificada.

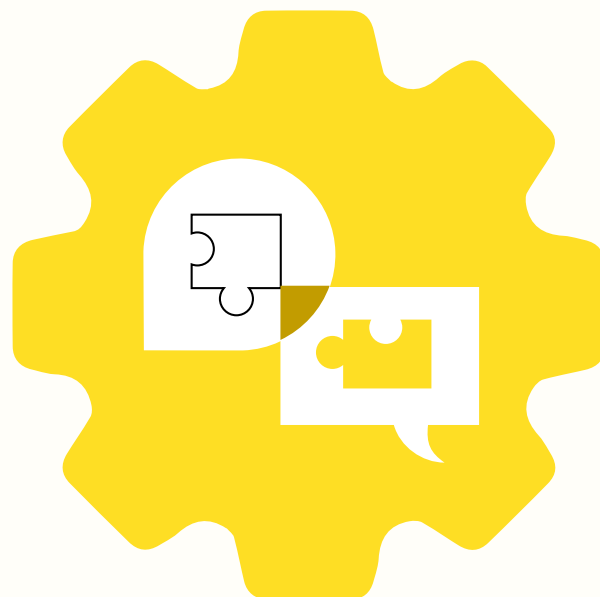
Somos profundamente gratos a todas as organizações e indivíduos que compartilharam seu tempo, suas experiências e suas perspectivas. Suas vozes são a força motriz por trás da redefinição da filantropia que este documento busca impulsionar.

Cinco agendas de transformação da filantropia

Em toda a América Latina e o Caribe, líderes filantrópicos reconhecem cada vez mais cinco agendas prioritárias para impulsionar a transformação. Elas não são aspirações distantes, mas oportunidades reais e ao nosso alcance, enraizadas na prática, orientadas por aprendizados e comprovadas por exemplos de sucesso. Cada agenda tem potencial para transformar a filantropia, mas sua verdadeira força está na interdependência entre elas. Quando implementadas em conjunto, essas agendas se reforçam mutuamente, abrindo caminho para um impacto mais ambicioso e duradouro em todo o ecossistema.

Nas páginas a seguir, cada agenda explora a situação atual do setor e as oportunidades que se desenham adiante, destacando exemplos que inspiram ação e oferecem caminhos concretos para os líderes do ecossistema.





I. Colaboração genuína: da coordenação à ação coletiva

A filantropia na América Latina e no Caribe nunca esteve tão conectada, mas a colaboração genuína ainda é rara, geralmente surgindo apenas em momentos de crise ou em torno de projetos de curto prazo. A mera coordenação não é suficiente. Somente uma colaboração radical, baseada na co-criação e em uma disposição real para compartilhar poder, riscos e aprendizados, pode transformar a diversidade em uma verdadeira fonte de vantagem.

Panorama atual

Nenhum ator, por mais influente ou bem estruturado que seja, pode enfrentar sozinho os desafios mais críticos da região. Diante das crises sociais, econômicas e ambientais, a colaboração é essencial para alcançar impacto em escala, promover mudanças sistêmicas e construir confiança.

Nas últimas décadas, a região tem construído um setor filantrópico mais conectado. Os espaços de diálogo e coordenação se expandiram, ampliando o número e a diversidade de atores envolvidos. Redes globais com atuação regional, como a WINGS, e plataformas regionais como a RedEAmérica, ajudam a conectar fundações, empresas, organizações comunitárias e financiadores internacionais no compartilhamento de aprendizados, na promoção de investimentos conjuntos e na influência sobre agendas globais. Em nível nacional, destacam-se redes como o GIFE e a ABONG no Brasil, o CEMEFI no México, a AFE na Colômbia, o CEFIS no Chile e a Caribbean Philanthropic Alliance no Caribe.

Apesar desses exemplos, a maioria das colaborações filantrópicas na região ainda é superficial, concentrando-se na troca de informações ou na coordenação de iniciativas pontuais. Poucas envolvem diagnósticos compartilhados, planejamento conjunto ou governança coletiva, e quase nenhuma inclui mecanismos para avaliar a eficácia da própria colaboração.

“

Em nossa sociedade, a colaboração é considerada uma virtude. Mas na filantropia, o individualismo ainda prevalece.”

- líder da uma Associação Nacional de Fundações

Os incentivos existentes muitas vezes atuam de forma contrária à colaboração. A pressão por resultados de curto prazo e a busca por reconhecimento institucional, especialmente entre fundações empresariais, frequentemente enfraquecem o engajamento com processos coletivos. A falta de confiança mútua e o baixo investimento na própria colaboração limitam ainda mais o progresso. Superar essas barreiras exige uma mudança de paradigma, que nos leva a perguntar: **O que precisamos alcançar juntos? Como minhas habilidades podem contribuir? E como podemos gerar o máximo valor para todos?**

Próximos passos

O setor fala com frequência sobre colaboração, mas ainda atua de forma isolada. Somente parcerias baseadas em compromissos claros, poder compartilhado e incentivos alinhados podem romper essa inércia. As alianças que alcançaram mudanças duradouras foram construídas sobre quatro pilares: (1) propósito comum e co-criado, (2) investimento na colaboração, (3) complementaridade orientada por propósito, e (4) estruturas formais de governança.

1. Colaboração em torno de um propósito comum e cocriado.

Colaborar em torno de um propósito comum começa com a definição do problema antes da discussão sobre as soluções. Não basta declarar a intenção de reduzir as lacunas em educação ou saúde; é necessário que os atores compreendam conjuntamente as causas que fazem essas lacunas persistirem. Esse processo exige a negociação de prioridades, o compartilhamento de controle e visibilidade e a tradução dos acordos em metas mensuráveis. Como destacou o diretor de uma associação nacional de fundações: **“Com frequência, as organizações não compartilham um propósito, compartilham um projeto. A verdadeira colaboração deve começar com um problema comum, não apenas com a soma de recursos.”**

Aprendemos a colaborar, colaborando. A co-criação ajuda a alinhar expectativas, distribuir responsabilidades e prevenir conflitos.

ALAC: um propósito comum que transcende projetos



Em Cajamarca, no Peru, a Asociación Los Andes de Cajamarca (ALAC) demonstra como um propósito compartilhado pode sustentar parcerias duradouras. Nascida da colaboração entre o setor privado, o governo e a sociedade civil, a ALAC reúne atores diversos para melhorar a qualidade de vida em toda a região.

Com mais de 80 iniciativas que beneficiam milhares de pessoas, desde programas de leitura até o acesso à água potável para 180 mil residentes, sua maior força está em tecer uma rede colaborativa que evolui conforme surgem novas necessidades, mantendo-se fiel ao propósito original.

2. Investimento no processo de colaboração

A colaboração profunda requer recursos que poucos atores estão dispostos a investir. Trabalhar em conjunto não é espontâneo nem gratuito: exige tempo, equipes e gestão compartilhada. Fundações e doadores frequentemente destinam recursos expressivos a projetos, sem reservar parte do orçamento para criar as condições necessárias à colaboração em si. Investir na incubação da colaboração é uma aposta estratégica: contribui para integrar perspectivas, administrar tensões e estabelecer bases sólidas para o trabalho coletivo.

Atores catalisadores e articuladores desempenham um papel essencial. Dada sua trajetória e posição no ecossistema, essas organizações têm a capacidade de mobilizar parceiros, alinhar esforços e manter o impulso coletivo. Sua contribuição vai muito além do financiamento inicial: elas contribuem para o desenho de iniciativas, promovem conexões entre setores e alinham visões em torno de uma causa comum.

GOYN: o papel catalisador na colaboração

A Global Opportunity Youth Network (GOYN) atua para ampliar as oportunidades de educação e emprego para jovens em situação de vulnerabilidade. Desde o início, a GOYN concentrou seus esforços em construir as bases para a colaboração em nível local. Com o apoio da New Markets Partners, um doador internacional disposto a investir no processo, e não apenas nos resultados imediatos, a iniciativa conseguiu mobilizar recursos, estabelecer regras comuns de atuação e fortalecer coalizões locais baseadas na legitimidade comunitária.

Atualmente, a GOYN opera em Bogotá, Barranquilla, Cidade do México e São Paulo, em parceria com a Fundación Corona, a YouthBuild México e a United Way Brasil. Juntas, essas organizações conectam mais de 630 mil jovens em 17 comunidades.



3. Complementaridade como princípio orientador.

As alianças mais eficazes transformam as diferenças em vantagens. O impacto cresce quando cada ator contribui com o que faz de melhor, seja financiamento, expertise técnica, redes comunitárias ou capacidade de execução. Os papéis podem evoluir ao longo do tempo, ajustando-se às necessidades de cada etapa e aproveitando as vantagens comparativas de cada ator para ampliar o impacto coletivo.

Um exemplo claro é o programa Gestão da Alfabetização, no Brasil, que busca melhorar a alfabetização na educação pública fortalecendo a gestão pedagógica. Conduzida pelo Instituto Ayrton Senna e pelo Instituto Fefig, com o apoio do GIFE, a iniciativa reúne governos locais, redes de ensino e equipes técnicas. O Instituto Fefig lidera o desenho pedagógico, o Instituto Ayrton Senna contribui com metodologias de gestão educacional, os municípios executam as ações, e o GIFE articula parceiros e amplia a visibilidade da iniciativa. Em 2024, o programa beneficiou mais de 80 mil estudantes em seis estados, demonstrando como a complementaridade técnica e política pode gerar impacto duradouro.

4. Estruturas formais e governança compartilhada.

Colaborações eficazes e duradouras exigem estruturas formais de governança. Essas estruturas definem os papéis de cada ator e traduzem a intenção coletiva em um modelo operacional sustentável. Como observou a liderança de uma fundação regional: **“É fundamental esclarecer expectativas, papéis e contribuições desde o início. Isso reduz atritos e possibilita parcerias mais transparentes e flexíveis.”** Além de coordenar a implementação, uma governança sólida oferece estabilidade em contextos de incerteza, ao estabelecer regras claras de tomada de decisão, mecanismos de resolução de conflitos e indicadores compartilhados de desempenho.

GDPE: compromissos claros por meio da governança formal

Na Argentina, o Grupo de Fundaciones y Empresas (GDPE) se destaca por sua capacidade de promover a ação coletiva por meio de um modelo de governança sólido. Sua estrutura reduz o protagonismo individual, as conquistas são comunicadas coletivamente, e a visibilidade se concentra no impacto compartilhado. Como afirma o grupo: **“Não se trata de mostrar o que cada membro faz, mas do que estamos transformando juntos.”**

Em 2022, 85% dos membros do GDPE investiram US\$ 33,7 milhões em educação, empregabilidade e inclusão social. Em 2024, o GDPE lançou a Education Advocacy Roundtable, um laboratório de inovação público-privado presente em 18 cidades, além de novas ferramentas de inovação financeira.



Além desses pilares, a confiança é a base da colaboração. Em toda a região, a ausência de confiança é frequentemente apontada como o principal obstáculo para a formação de parcerias eficazes. Mas a confiança não surge sozinha, ela se constrói com ações consistentes, transparência e o cumprimento dos compromissos assumidos.

Ações iniciais para ganhar impulso:

✓ Doadores

Financiar a infraestrutura da colaboração: alocar recursos específicos para o desenvolvimento de estruturas de governança e mecanismos de gestão compartilhada.

Incentivar propostas conjuntas: oferecer incentivos para que o financiamento priorize projetos colaborativos, em vez de iniciativas isoladas.

✓ Organizações locais

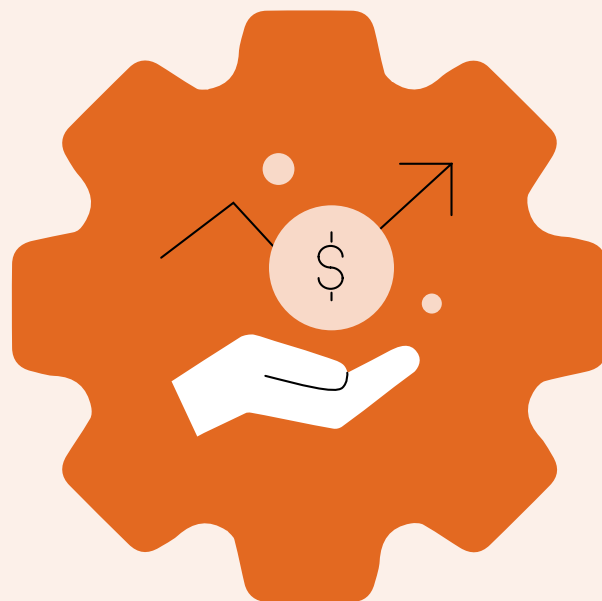
Explorar complementaridades: estabelecer parcerias que aliem forças complementares e criem novas oportunidades de financiamento e impacto.

✓ Redes e associações filantrópicas

Promover a colaboração concreta: criar fundos colaborativos, chamadas coordenadas de propostas ou iniciativas conjuntas co-financiadas, avançando além da simples coordenação e realização de encontros.

✓ Organizações filantrópicas

Promover espaços de co-criação em nível estratégico: apoiar plataformas que estimulem e acelerem iniciativas colaborativas, com forte protagonismo local.



II. Mobilização de mais recursos: do potencial latente ao compromisso ativo

A lacuna de recursos filantrópicos na região não se deve à falta de riqueza, mas à dificuldade em ativá-la. A América Latina e o Caribe concentram um volume expressivo de capital local, mas ainda existem poucos mecanismos capazes de canalizá-lo de forma consistente e estratégica. Ao mesmo tempo, a região tem sido historicamente um ponto cego para a filantropia global. O desafio à frente é duplo: transformar o patrimônio familiar, os recursos corporativos e a generosidade cidadã em compromissos sustentáveis e de longo prazo; e posicionar a região como um destino confiável e de alto impacto para o investimento filantrópico internacional.

Panorama atual

O setor filantrópico tem grande potencial para impulsionar transformações, mas continua operando em uma escala muito inferior àquela que os recursos e desafios da região demandam. Em média, as doações privadas representam apenas 0,2% a 0,3% do PIB, em comparação com 1,5% nos Estados Unidos, 1% no Canadá e 0,96% no Reino Unido, cerca da metade do patamar observado em economias comparáveis, como Indonésia e África do Sul (cerca de 0,4%). A América Latina e o Caribe também figuram recorrentemente entre as últimas posições do World Giving Index, que mede a generosidade com base em doações, voluntariado e ajuda a desconhecidos.

Esse baixo nível de doações contrasta fortemente com o crescimento contínuo da riqueza privada na região. Segundo a Oxfam, em janeiro de 2024, a América Latina e o Caribe concentravam 98 bilionários, com um patrimônio combinado de US\$480,8 bilhões, valor aproximadamente equivalente ao PIB somado do Chile e do Equador. Desde o ano 2000, essas fortunas cresceram 368%, quase seis vezes mais rápido que a economia regional. O 1% mais rico concentra 43,5% de toda a riqueza, enquanto a metade mais pobre detém apenas 0,8%. Esse aumento expressivo da riqueza ainda não se traduziu em um crescimento proporcional do engajamento filantrópico.

Essa lacuna se deve, em grande parte, à predominância das doações informais e à baixa confiança institucional. Grande parte da generosidade na região se expressa por meio de apoio direto a indivíduos ou comunidades, o que muitos chamam de “filantropia invisível”. Como observou um assessor de grandes doadores: **“Muitas dessas contribuições não são reconhecidas como filantropia, nem por quem doa, nem por quem recebe, mas é exatamente isso que elas são.”** Essas formas de doação fortalecem os laços sociais, mas raramente resultam em transformações sistêmicas. Ao mesmo tempo, a falta de confiança nas organizações locais desestimula os doadores a recorrerem a canais formais, limitando o alcance e o impacto da filantropia organizada. Segundo o Latinobarómetro 2024, apenas 27% dos latino-americanos declaram confiar em ONGs.

Além disso, a região tem sido historicamente um ponto cego para a filantropia internacional. Entre 2018 e 2020, a América Latina e o Caribe receberam, em média, cerca de US\$400 milhões anuais em financiamento filantrópico privado, concentrado em poucos países. Em comparação, a África e a Ásia receberam, respectivamente, US\$2,9 bilhões e US\$1,4 bilhão por ano no mesmo período. Esse desequilíbrio decorre, em parte, da narrativa persistente de que a América Latina e o

Caribe formam uma “região de renda média”, um rótulo que oculta desigualdades profundas. Mesmo quando financiadores globais voltam seu olhar para a região, muitos editais permanecem sem resposta, pois as organizações locais ainda enfrentam barreiras estruturais para o acesso a esses recursos.

A retirada recente da cooperação internacional aprofundou ainda mais esse desafio. O encerramento dos programas da USAID, por si só, representou uma perda superior a US\$2,3 bilhões, com impactos significativos na Guatemala, Honduras e Colômbia. Outros doadores, como a Alemanha e o Reino Unido, também reduziram consideravelmente seu apoio. Nesse contexto, surgem duas perguntas inevitáveis: **como a filantropia na região pode alcançar todo o seu potencial? E de que forma podemos atrair mais capital filantrópico global para a região, afirmando-se como um destino confiável e de alto impacto para investimentos em transformação social?**

Próximos passos

Desbloquear mais recursos exige avanços em duas frentes: a ativação do capital local e a atração de fluxos internacionais. A primeira envolve transformar recursos fragmentados ou inativos, de grandes fortunas familiares a doações individuais, em financiamento contínuo e de longo prazo. A segunda requer posicionar a região como um destino confiável e de alto impacto para a filantropia global.

O potencial é extraordinário. Mobilizar apenas 1% da riqueza dos ultrarricos da América Latina poderia gerar cerca de US\$5 bilhões por ano, um valor próximo ao volume total de ajuda internacional recebido pela região, estimado em aproximadamente US\$6 bilhões. Entre os cidadãos, a disposição para doar existe, especialmente entre as gerações mais jovens. De acordo com o estudo 2024 Culture of Giving, realizado na Argentina, enquanto 76% dos jovens se consideram altruístas e mais da metade acredita poder influenciar questões sociais e políticas, apenas um em cada dez realiza doações mensais, e oito em cada dez não conseguem citar o nome de uma organização filantrópica, revelando uma lacuna entre intenção e ação.

Cada grupo de atores, cidadãos, famílias, empresas e financiadores internacionais, possui suas próprias motivações, enfrenta barreiras distintas e traz um valor único. Compreender melhor essas diferenças permitirá desenhar mecanismos mais eficazes.

Cidadãos:

As doações formais e recorrentes de cidadãos podem ser um poderoso motor de mudança. A maioria dessas contribuições é direcionada a causas próximas, como ajudar um vizinho com despesas médicas ou comprar uniformes escolares para crianças da comunidade. No entanto, seu impacto permanece limitado, pois muitos doadores não conhecem organizações confiáveis ou não sabem como seus recursos são utilizados, além de frequentemente enfrentarem processos de doação complexos. Como observou uma liderança em filantropia digital, **“La filantropía sigue pensando en grandes donantes institucionales y no en la ciudadanía; ahí hay un potencial enorme si se les da un vehículo confiable y fácil para participar”.**

Plataformas digitais como Donar Online e GoFundMe ilustram como a clareza de propósito e o storytelling inspirador podem atrair novos públicos para a doação. Matching funds e giving circles ampliam o impacto das contribuições individuais ao reunir recursos coletivos ou igualar doações. Campanhas como a Teletón mostram o que é possível alcançar quando acessibilidade, visibilidade na mídia e propósito compartilhado se alinham.

Donar Online: modelo replicável de filantropia digital e democrática

O caso da Donar Online ilustra como as plataformas digitais podem democratizar a doação, tornando a captação de recursos mais acessível e posicionando os cidadãos como agentes ativos da transformação social. Com uma rede de mais de 1.500 organizações e milhões de doações processadas, a plataforma demonstra que pequenas contribuições individuais podem alcançar a mesma escala de grandes doações filantrópicas. Modelos como esse mostram como a tecnologia pode reimaginar a filantropia como um campo mais inclusivo, participativo e sustentável.

**Famílias e indivíduos de alta renda:**

A filantropia familiar busca gerar impacto social, transmitir valores entre gerações e construir um legado comum. Como explicou um líder empresarial:

“

A filantropia nos dá a oportunidade de retribuir às comunidades onde atuamos, apoiando causas que refletem o que nossa família realmente valoriza.”

Esse segmento tem grande potencial para mobilizar recursos significativos, mas ainda carece de espaços seguros para a troca entre pares e de informações confiáveis sobre quais organizações apoiar. Ferramentas como philanthropy barometers e mecanismos simples de doação podem contribuir para ampliar sua participação.

A mudança geracional representa uma grande oportunidade.

Para aproveitar esse momento, é essencial conectar as novas gerações a causas significativas, divulgar modelos locais bem-sucedidos e apoiá-las na criação de projetos de impacto. Igualmente importante é estimular uma visão mais estratégica da filantropia familiar, uma que vá além da lógica assistencialista, orientando-se para um engajamento transformador e de longo prazo.

Empresas:

Em toda a região, muitas empresas canalizam seus recursos filantrópicos e se envolvem com as comunidades por meio de fundações corporativas. Algumas dessas fundações preservam um legado familiar, enquanto outras operam de forma independente. Em ambos os casos, buscam reconhecimento público e alinhamento com suas agendas de responsabilidade social, partindo do entendimento de que comunidades prósperas geram mercados mais fortes, colaboradores mais produtivos e ambientes operacionais mais estáveis.

No entanto, muitas fundações corporativas atuam em ciclos anuais, o que limita sua capacidade de assumir compromissos de longo prazo. A pressão por resultados imediatos frequentemente as leva a priorizar o papel de “bons vizinhos”, apoiando apenas as comunidades onde atuam, em vez de enfrentar as causas estruturais dos problemas. Superar esse desafio exige migrar para modelos de investimento social de longo prazo, e alguns mecanismos já apontam nessa direção. No Brasil, a iniciativa **“Compromisso 1%”** engaja executivos a destinar ao menos 1% dos lucros a causas sociais. Na Argentina, o **Selo Compromisso com a Alfabetização**, do GDFE, transforma o reconhecimento em um objetivo inspirador.

Filantropia internacional

Posicionar a região como destino prioritário para o capital internacional requer demonstrar credibilidade, impacto e um sólido retorno social sobre o investimento. Isso implica comunicar resultados de forma transparente, compartilhar histórias de sucesso, mostrar colaborações eficazes e alinhar-se a prioridades globais.

Mais do que fortalecer sua reputação, a região precisa de propostas concretas e financiáveis. As organizações locais podem formar parcerias com doadores nacionais em iniciativas conjuntas, enquanto a filantropia global pode ampliar esses esforços e atrair novos parceiros internacionais.

Atrair doadores locais e internacionais é apenas o primeiro passo; o verdadeiro desafio está em sustentar e aprofundar o relacionamento ao longo do tempo. As organizações beneficiárias devem acompanhar os doadores em toda a sua jornada (donor journey), desde o primeiro contato até a consolidação de um relacionamento de longo prazo. Além disso, o ambiente legal, fiscal e administrativo tem se tornado cada vez mais restritivo, afetando principalmente as organizações de menor porte. Enfrentar esse desafio exige ação coletiva do setor, para influenciar políticas públicas e criar um ambiente mais favorável à filantropia.

Ações iniciais para ganhar impulso:

✓ Doadores corporativos

Mobilizar compromissos: lançar ou apoiar pactos do setor privado para destinar um percentual dos lucros anuais a investimentos sociais (por exemplo, o “Compromisso 1%”, no Brasil).

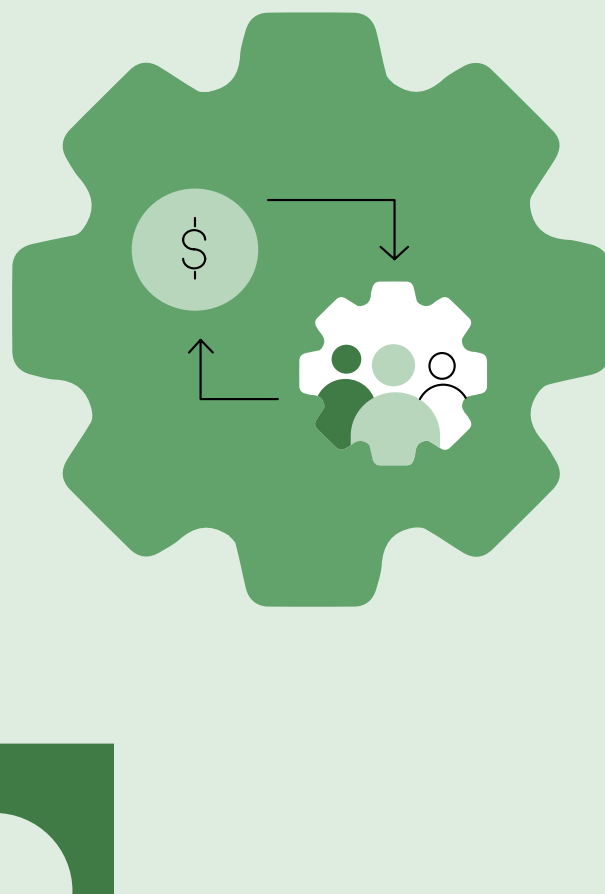
✓ Redes e associações filantrópicas

Facilitar colaborações concretas: organizar campanhas conjuntas e fundos temáticos que canalizem recursos locais em larga escala para temas como acesso à água e resiliência climática.

✓ Organizações filantrópicas

Atrair novos pares para a região (em colaboração com atores locais): promover delegações, visitas de aprendizagem e encontros de alto nível para aproximar novos doadores internacionais da região.

Firmar parcerias com plataformas digitais de doação: ampliar o alcance e a visibilidade dessas plataformas para estimular a participação cidadã e aumentar o volume de doações recorrentes.



III. Financiamento estratégico: da caridade ao investimento social

Quando praticada como caridade, a filantropia fica aquém do seu potencial, mas quando aplicada como investimento social, pode gerar resultados duradouros. O potencial da filantropia na América Latina e no Caribe está não apenas no volume de capital mobilizado, mas na forma como esse capital é estruturado e gerenciado. A oportunidade está em construir mecanismos de financiamento sustentáveis, adaptáveis, acessíveis e articulados entre diferentes fontes de capital.

Panorama atual

O impacto da filantropia depende não apenas do volume de recursos mobilizados, mas também de como eles são aplicados de forma eficaz. Como observou o líder de uma fundação comunitária: **“Grande parte dos financiamentos ainda é de curto prazo, reativa ou excessivamente condicionada. Nesses termos, é impossível sustentar uma mudança real. O que realmente precisamos é de flexibilidade, adaptabilidade e apoio à capacidade institucional.”**

A maior parte do financiamento filantrópico na região é concedida com prazos curtos e fortes restrições. A falta persistente de confiança nas organizações beneficiárias leva muitos doadores a manter controle rígido, limitar a flexibilidade e evitar colaborações. Soma-se a isso a escassez de mecanismos de financiamento de longo prazo que ofereçam autonomia: apenas uma em cada três instituições filantrópicas possui um fundo patrimonial, e a maioria delas detém menos de US\$1 milhão.

Apesar desses desafios, sinais de mudança começam a surgir. Lideranças do setor destacam uma crescente disposição para experimentar novos veículos financeiros. Mecanismos de co-investimento, fundos temáticos e modelos híbridos vêm ganhando força, especialmente em áreas como educação, saúde e ação climática. Entre 2019 e 2022, o número de atores de investimento de impacto na América Latina cresceu 66%, com avanços consistentes no México, Colômbia e Brasil. No Caribe, pelo menos uma dúzia de fundos de impacto operam ativamente em países como República Dominicana, Haiti e Jamaica. Paralelamente, plataformas como a ALIVE reúnem mais de 50 fundos e intermediários que combinam retorno financeiro com impacto social mensurável.

O desafio agora é promover uma mudança estrutural no financiamento filantrópico respondendo a três perguntas centrais: **como o setor pode evoluir do apoio fragmentado para o investimento de longo prazo? Como o financiamento pode se tornar mais flexível e responsivo a contextos em mudança sem perder eficácia? E como construir e sustentar a confiança necessária para alinhar e amplificar esforços dispersos?**

Próximos passos

Transformar o financiamento filantrópico exige repensar a forma como os recursos são alocados e aplicados. A região precisa de instrumentos que garantam continuidade, se adaptem a contextos em transformação e alinhem diferentes fluxos de capital em torno de objetivos comuns. Alcançar isso requer avanços em quatro áreas fundamentais: tornar os

recursos mais sustentáveis, mais adaptáveis, mais acessíveis e melhor integrados entre as diversas fontes de financiamento.

Mais sustentabilidade: financiando processos de longo prazo

Os maiores desafios da região, como as lacunas em educação, a violência de gênero e o desmatamento, não podem ser resolvidos no curto prazo. Sem continuidade, os esforços abordam apenas os sintomas, e não as causas.

“

Uma perspectiva de longo prazo é essencial. As estratégias filantrópicas precisam refletir uma mudança cultural em direção a compromissos duradouros, deixando para trás projetos de curto prazo que terminam sem continuidade.”

– líder de fundação

Essa transformação envolve a transição da filantropia de curto prazo para uma mentalidade de investimento social. Embora doações pontuais possam ampliar o acesso a serviços ou atender necessidades imediatas, o investimento social busca enfrentar causas estruturais e sustentar mudanças duradouras.

Para isso, é fundamental apoiar os doadores na criação de instrumentos de longo prazo que proporcionem estabilidade e previsibilidade. Uma fundação sem recursos estáveis não pode oferecer apoio estável a outras. O desafio, portanto, não é apenas assegurar o financiamento de longo prazo, mas também aplicá-lo de forma eficaz. Como observou a presidente de uma fundação no Chile: **“A região carece de uma verdadeira ‘indústria de fundos patrimoniais’. Criar uma permitiria formar capital de longo prazo para causas estruturais, como mudança climática e equidade racial ou de gênero.”**

O desafio não é necessariamente doar mais, mas estruturar melhor o processo de doação: o mesmo valor, planejado ao longo de três a cinco anos, oferece às organizações a previsibilidade de que tanto necessitam. Esse compromisso de

longo prazo, por sua vez, exige das organizações beneficiárias capacidade de gestão e resultados tangíveis, contribuindo para relações mais equilibradas.

Diversos exemplos na América Latina mostram como isso funciona quando os instrumentos financeiros adequados estão em prática. No Chile, a Fundación Olivo aproveita seu fundo patrimonial destinando 5% dos seus rendimentos a iniciativas de impacto social, incluindo empréstimos para organizações da sociedade civil. Seu programa Ciclo Olivo oferece até cinco anos de financiamento e assistência técnica, proporcionando aos parceiros locais a estabilidade necessária para planejar e crescer. Na Colômbia, o Fondo Acción canaliza recursos plurianuais para programas de adaptação climática junto a comunidades afrodescendentes e indígenas. Já na América Central, o VIVA Trust, fundo patrimonial regional criado em 2003 a partir dos dividendos do Grupo Nueva, empresa industrial comprometida com a sustentabilidade, tornou-se um modelo de capital de longo prazo na região, garantindo recursos estáveis e possibilitando cofinanciamento mesmo em contextos de mudança.

Mais adaptabilidade: promovendo flexibilidade, inovação e colaboração

O financiamento adaptável permite que as organizações respondam a mudanças sem perder o rumo. Não se trata de oferecer recursos sem restrições, mas de equilibrar autonomia e responsabilidade, com financiamento flexível, expectativas claras e monitoramento adequado. A pandemia deixou isso evidente: a redução das restrições possibilitou redirecionar fundos para necessidades urgentes sem interromper o trabalho estrutural de longo prazo. Essa abordagem transforma o financiamento em um mecanismo de aprendizado e inovação social, que incentiva a experimentação, adaptação e ajuste de rota, fortalecendo a capacidade coletiva de resposta. O Fundo Centro-Americano de Mulheres exemplifica esse modelo ao oferecer financiamento plurianual e irrestrito, permitindo que organizações lideradas por mulheres adaptem suas atividades a contextos em constante evolução.

A flexibilidade requer mudanças tanto operacionais quanto culturais. Do ponto de vista operacional, significa criar mecanismos que permitam realinhamentos rápidos e mobilização ágil de recursos quando as circunstâncias mudam. Sob a ótica cultural, envolve redistribuir poder e controle sobre os recursos, reconhecendo que as decisões e prioridades devem ser compartilhadas com quem está mais próximo da ação. Essa abordagem parte do reconhecimento de que as soluções nunca estão totalmente definidas desde o início e redefine o papel do doador, que deixa de ser um financiador distante para tornar-se um aliado estratégico.

Fundación Comunitaria Oaxaca: um modelo de democratização do financiamento filantrópico



A Fundación Comunitaria Oaxaca (FCO) canaliza recursos para coletivos locais e projetos comunitários, incluindo aqueles sem estrutura formal ou registro legal. Seu trabalho demonstra que é possível ampliar o acesso ao financiamento para atores locais sem abrir mão do rigor ou da transparência. A fundação adapta seu modelo ao simplificar requisitos, ajustar o valor e o prazo das doações conforme o perfil de cada projeto e combinar evidências quantitativas com depoimentos das comunidades. A FCO mostra como um intermediário local de confiança pode ampliar quem participa da filantropia, garantindo que as soluções surjam de quem vive os desafios em primeira mão.

Mais acessibilidade: reformulando as regras de acesso

Um financiamento mais acessível ajusta suas exigências às capacidades e contextos das organizações. Na prática, porém, as exigências de financiamento tendem a ser padronizadas. Formulários extensos, relatórios altamente especializados e estruturas jurídicas complexas frequentemente excluem organizações de base comunitária, reduzindo tanto a diversidade quanto o alcance da filantropia.

Melhorar o acesso não significa baixar padrões. Para organizações de pequeno porte, gastar meses em uma proposta complexa, sem garantia de sucesso, desvia tempo e recursos valiosos de sua missão principal. Entre as alternativas estão ajustar valores, prazos e requisitos das doações de acordo com as diferentes capacidades, simplificar os processos administrativos e, sempre que possível, padronizar formulários ou reconhecer diligências já realizadas por outros doadores. A iniciativa Focus Central America demonstra que é possível canalizar recursos com confiança e transparência, combinando processos simplificados com mecanismos sólidos de prestação de contas.

O desafio é ainda maior no acesso a recursos internacionais. Como reconheceu um doador norte-americano: **“Lançamos editais de financiamento, mas as organizações locais raramente se inscrevem.”** As barreiras incluem editais

publicados apenas em inglês, pouca divulgação e exigências excessivamente complexas. Superar esses desafios exige formulários mais simples, bilíngues ou multilíngues, estratégias de comunicação mais amplas e o apoio de intermediários regionais.

Mais coordenação: integrando diferentes fontes de capital

A união do capital filantrópico, de impacto, privado e público multiplica seu poder coletivo. A filantropia assume riscos iniciais e fortalece capacidades. O investimento de impacto alinha retornos financeiros a resultados sociais. O capital privado traz inovação, eficiência e escala. E o setor público institucionaliza soluções e garante sua sustentabilidade no longo prazo.

A região já conta com instrumentos financeiros inovadores, o desafio agora é ampliar sua escala. O financiamento baseado em resultados vincula recursos públicos a metas mensuráveis. O financiamento misto (*blended finance*) utiliza o capital filantrópico para atrair e mobilizar investimento privado. Títulos temáticos, como os títulos de dívida azuis (*blue bonds*), direcionam capital para objetivos públicos, e os Incentivos de Impacto Social (*SIINC*) recompensam resultados comprovados. Um exemplo emblemático é o programa “*A Fondo*”, liderado pela Fundación Avina, que integra capital filantrópico, corporativo e internacional sob regras e métricas de impacto compartilhadas, direcionando cada tipo de recurso para onde gera mais valor, reduz riscos e multiplica resultados.

Títulos de impacto social na Colômbia: modelo de financiamento baseado em resultados para garantir impacto mensurável.



A *Fundación Corona*, em parceria com aliados públicos e privados, liderou a criação dos primeiros Títulos de Impacto Social da região, um modelo em que investidores antecipam o capital para programas de empregabilidade, e o governo os reembolsa apenas se os resultados forem comprovados de forma independente, promovendo eficiência, transparência e impacto mensurável.

A iniciativa *Cali Progresas con Empleo* superou suas metas mesmo durante a pandemia, beneficiando mais de 1.000 pessoas, em sua maioria mulheres e participantes afrodescendentes, e demonstrou o poder de combinar filantropia, investimento de impacto e recursos públicos para impulsionar mudanças sistêmicas.

Ações iniciais para ganhar impulso:

✓ Doadores

Garantir financiamento adaptável: incluir, a cada ano, uma percentagem crescente de recursos flexíveis nas doações, permitindo que os fundos se ajustem e respondam a necessidades em constante evolução.

Adotar instrumentos inovadores: utilizar mecanismos como financiamento misto ou financiamento baseado em resultados.

Simplificar os processos de submissão de propostas (liderados por organizações filantrópicas): promover formulários padronizados e sistemas compartilhados de due diligence, reduzindo tempo e custos administrativos.

Adotar planejamento e orçamentos plurianuais: comprometer-se com ciclos de investimento de três a cinco anos e com mecanismos de longo prazo, como fundos patrimoniais e trusts, estruturas fiduciárias voltadas à sustentabilidade financeira, garantindo estabilidade e impacto duradouro.

✓ Organizações locais

Fortalecer a capacidade institucional: aprimorar competências em planejamento estratégico, mensuração de impacto e sistemas de prestação de contas, demonstrando preparo organizacional e ampliando o acesso a financiamentos.

✓ Organizações filantrópicas

Desenvolver conhecimento e habilidades financeiras: apoiar a capacitação em todo o ecossistema para conceber e implementar instrumentos financeiros, como fundos patrimoniais, trusts e outros mecanismos de longo prazo.

Onde o investimento de impacto se encaixa?

Embora filantropia e investimento de impacto compartilhem o objetivo de promover transformação social, elas ocupam papéis distintos dentro do ecossistema. A filantropia assume riscos iniciais sem esperar retorno financeiro, enquanto o investimento de impacto busca combinar impacto mensurável com desempenho financeiro.

Longe de existirem em esferas separadas, as duas abordagens podem ser aliadas poderosas. A filantropia pode aprender com o rigor do investimento de impacto, seu foco em mensuração de resultados, gestão de riscos e ampliação de soluções. Por sua vez, o investimento de impacto se beneficia do capital catalítico da filantropia, de sua capacidade de financiar inovações em estágio inicial e de seu papel em abrir novos mercados sociais e ambientais.

Conectando esses dois mundos, as empresas sociais desempenham um papel essencial: atuam como laboratórios em estágio inicial, testando modelos, reduzindo incertezas e abrindo caminho para a escala, criando o espaço onde o capital filantrópico e o capital de impacto se encontram. Juntas, essas forças formam um ciclo virtuoso: a filantropia impulsiona a experimentação e assume o risco inicial, enquanto o investimento de impacto amplia as soluções, multiplicando seu alcance.





IV. Filantropia com liderança local: de beneficiários a aliados

Tratar as comunidades como beneficiárias gera dependência. Apesar dos avanços importantes da filantropia comunitária na América Latina e no Caribe, os atores locais ainda atuam, em grande parte, apenas na execução de projetos. A transformação real exige reconhecê-los como co-criadores e co-protagonistas da mudança.

Panorama atual

A América Latina e o Caribe já demonstraram que a filantropia localizada não é apenas possível, mas poderosa. Desde a década de 1990, iniciativas de filantropia comunitária, aquelas em que as próprias pessoas que vivenciam os desafios participam diretamente da definição e da gestão dos recursos, comprovaram que as soluções mais duradouras surgem quando as comunidades participam de sua concepção. O México é um exemplo notável: em apenas duas décadas, o número de fundações comunitárias cresceu para mais de 30. Hoje, 17 delas fazem parte da Comunalia, uma rede que fortalece suas capacidades por meio de recursos e apoio compartilhados.

Esse modelo vem ganhando força em toda a região, adaptando-se aos contextos locais ao longo do caminho. Na Costa Rica, a Rede de Fundações Comunitárias canaliza recursos para iniciativas de conservação ambiental lideradas pelas próprias comunidades. Em Honduras, a Puerta de Esperanza mobiliza recursos locais e internacionais para apoiar a educação na primeira infância em áreas vulneráveis.

Ainda assim, esses modelos continuam sendo exceção, e não regra. A participação local na filantropia segue limitada. Frequentemente, os doadores definem tanto as causas quanto os territórios a financiar, muitas vezes gerando consequências não intencionais. Como afirmou uma liderança local:

“**Esse desalinhamento de prioridades fez com que alguns territórios fossem super financiados e outros negligenciados, a seca pode ser tão destrutiva quanto a inundação.**”

Em toda a região, fundações frequentemente implementam projetos diretamente, em vez de financiar organizações locais. Na Colômbia, mais de 60% dos investimentos sociais são implementados de forma direta, deixando os atores locais à margem. A América Central segue um padrão semelhante: um estudo da INTEGRARSE constatou que, na Guatemala, 42% das empresas implementam diretamente, enquanto 34% combinam as duas abordagens. Conversas com organizações locais revelam que, mesmo quando recursos externos são disponibilizados, as prioridades e soluções costumam ser pré-definidas pelos doadores.

A desconfiança na capacidade local alimenta um ciclo vicioso. Como reconheceu um doador corporativo, **“Sabemos que as organizações locais têm legitimidade em seus territórios, mas nossos conselhos exigem relatórios detalhados que elas nem sempre conseguem entregar.”** Essa mentalidade limita a tomada de decisão local e reforça a dependência. Como destacou uma diretora de fundação, **“Financiar a ação local sem conceder poder de decisão reproduz um desequilíbrio que enfraquece os esforços e compromete o potencial transformador da filantropia.”**

O uso de métricas definidas externamente, que ignoram o contexto local, agrava o problema. Em projetos climáticos, por exemplo, os dados sobre emissões costumam receber prioridade, enquanto indicadores de progresso como governança local, coesão social ou resiliência comunitária muitas vezes nem são considerados. Na América Central e no Caribe, modelos padronizados e dados descontextualizados têm gerado disputas por recursos e enfraquecido o protagonismo local.

O desafio é redefinir a forma como a filantropia se relaciona com os contextos locais. As perguntas-chave são: **Como reconhecer os atores locais como co-criadores e agentes de mudança? E como equilibrar as vozes locais com as perspectivas externas, de modo a garantir transformações relevantes e duradouras?**

Próximos passos

Localizar a filantropia começa por reconhecer as comunidades como parceiras reais da mudança social, e não apenas como beneficiárias. Não basta transferir recursos; é preciso compartilhar a tomada de decisão, as prioridades e as definições de sucesso. Isso exige repensar o ciclo filantrópico e transferir a liderança para as próprias comunidades.

1. Diagnóstico enraizado na escuta profunda

As avaliações não devem ser levadas às comunidades, devem surgir delas. As comunidades conhecem suas próprias necessidades: quais remédios faltam, ou por que os jovens abandonam a escola. Enquanto isso, doadores e especialistas podem identificar padrões, compartilhar soluções testadas em contextos semelhantes e oferecer apoio técnico. Trata-se de um processo de co-criação, que requer escutar sem impor e reconhecer que a expertise técnica só funciona quando dialoga com o conhecimento comunitário.

A avaliação participativa transforma o conhecimento comunitário em planos de ação concretos. Essa abordagem identifica lacunas, sinergias e prioridades a partir da escuta



de quem enfrenta os desafios, reduz o risco de irrelevância e traduz o saber local em estratégias práticas, por meio de ferramentas como mapeamentos, observatórios e diagnósticos. Ela requer tempo, flexibilidade e colaboração genuína com as organizações locais para garantir que os recursos cheguem a quem mais precisa.

Compromiso Valle: da agitação social à co-criação duradoura



Após a crise social de 2021 em Cali, surgiu o Compromiso Valle, uma aliança multissetorial criada para impulsionar a recuperação econômica e social do Valle del Cauca. O que começou como uma resposta emergencial evoluiu para uma estratégia de impacto coletivo, que redefiniu a forma como empresas, fundações e comunidades trabalham juntas.

Em vez de impor agendas, os doadores foram a campo, escutaram e construíram conjuntamente um diagnóstico compartilhado. Juntos, definiram prioridades em torno de segurança alimentar, educação, liderança e empregabilidade, construindo confiança, coesão e legitimidade ao longo do caminho.

Os resultados: mais de 77 mil pessoas alcançadas, 3.800 empregos criados e 730 empresas mobilizadas.

2. Design, Implementação e Monitoramento Colaborativos

As avaliações locais tornam as comunidades parceiras ativas no desenho, implementação e avaliação das iniciativas.

A co-criação exige acordos claros sobre recursos, tomada de decisão e responsabilidades, além de espaços abertos para lidar com tensões. Como observou uma liderança local: **“Uma parceria só é real quando ambos os lados podem falar abertamente sobre o que não está funcionando.”**

A implementação eficaz já não se resume a um ator que projeta e outro que executa, trata-se de propriedade compartilhada. A gestão de recursos, o engajamento comunitário e as operações em campo podem ser compartilhados por meio de acordos de implementação conjunta, parcerias multissetoriais ou esquemas de financiamento colaborativo. No Brasil, por exemplo, a AB Mauri se associou à Amigos do Bem, oferecendo financiamento e utilizando sua rede de distribuição comercial para comercializar castanhas de caju produzidas localmente. A parceria aumentou a eficiência ao alinhar papéis complementares.

O monitoramento deixa de ser um mecanismo de controle e passa a ser um processo coletivo de aprendizado e adaptação.

As partes envolvidas definem juntas o que medir, como interpretar e como utilizar os dados. Na prática, isso se traduz em indicadores desenvolvidos conjuntamente, avaliações participativas e ajustes em tempo real. O projeto NGO-IDEAs, implementado em nove países, ilustra bem essa abordagem, ao complementar indicadores tradicionais com métricas de empoderamento, participação e fortalecimento organizacional.

Projeto TICCA Equador: fortalecendo comunidades por meio da implementação conjunta



O Projeto TICCA é uma iniciativa voltada a reconhecer e fortalecer o papel dos povos indígenas e das comunidades locais como guardiões da biodiversidade, promovendo modelos de governança territorial baseados na autonomia e na gestão sustentável. A iniciativa reconhece essas comunidades como guardiãs da conservação, reforçando sua autonomia por meio de apoio técnico, jurídico e financeiro.

Operando sob um modelo multissetorial, as comunidades definem prioridades e administram seus territórios, enquanto parceiros como a Fundación ALDEA oferecem assistência especializada e recursos flexíveis. Atualmente, o projeto abrange oito territórios, distribuídos entre a costa, a serra e a região amazônica, e já contribuiu para a conservação de mais de 1,1 milhão de hectares.

3. Fortalecer a capacidade e a liderança local para uma transição duradoura

A filantropia localizada prova seu valor quando seu impacto perdura. Os desafios sociais exigem tempo para serem superados, mas as iniciativas devem ser, por natureza, temporárias, desenhadas para capacitar as organizações locais a sustentarem o progresso por conta própria. Como disse uma liderança local: **“O verdadeiro legado não são projetos concluídos, mas organizações locais fortes, capazes de transformar suas comunidades sem depender de apoio externo.”**

Fortalecer as organizações locais para mobilizar recursos e sustentar mudanças é um investimento estratégico. O setor privado pode ser um aliado-chave, compartilhando boas práticas e promovendo maior transparência por meio da divulgação de planos de impacto claros e do fortalecimento de estruturas de governança mais sólidas. Num contexto de declínio da cooperação internacional, garantir a sustentabilidade operacional das organizações locais é mais urgente do que nunca.

Reconhecer o valor dessa abordagem não significa ignorar seus riscos. Compartilhar poder raramente é um processo linear. Algumas iniciativas fracassam, as organizações nem sempre evoluem conforme o esperado, e tensões podem surgir em espaços mais horizontais. Construir confiança exige tempo e tolerância ao erro e à experimentação. Abraçar essa complexidade torna o compromisso com a ação local mais sólido e realista.

Ações iniciais para ganhar impulso:

✓ Doadores

Desenvolver padrões de participação: garantir que as iniciativas financiadas incluam comitês comunitários ou abordagens de co-criação para diagnóstico, planejamento e avaliação.

Elaborar planos de sustentabilidade (em colaboração com organizações locais): desenvolver planos que fortaleçam capacidades, assegurem recursos e transfiram gradualmente o poder de decisão, permitindo que os atores locais continuem operando de forma independente.

✓ Organizações locais

Elaborar planos de crescimento organizacional: desenvolver lideranças, sistemas de gestão financeira e mecanismos de prestação de contas que as qualifiquem para oportunidades de financiamento maiores e de longo prazo.

✓ Redes e associações filantrópicas

Oferecer diretrizes, boas práticas e espaços de aprendizado entre pares: compartilhar modelos de participação comunitária e facilitar trocas para conceber, testar e aprimorar abordagens lideradas localmente.



V. Elevação dos padrões: Da boa vontade a um ecossistema profissional e conectado

Fortalecer o ecossistema não é custo administrativo. A filantropia na América Latina e no Caribe precisa investir em si mesma, desenvolvendo e profissionalizando suas pessoas, transformando dados dispersos em evidências compartilhadas e acionáveis, e construindo mecanismos de coordenação que promovam confiança.

Panorama atual

Em toda a região, a filantropia direciona recursos substanciais para projetos individuais, mas investe muito pouco nos sistemas e capacidades que poderiam torná-los sustentáveis e escaláveis. O resultado são projetos-piloto bem-sucedidos que raramente se traduzem em mudanças sistêmicas. Por trás disso, há três lacunas estruturais:

Primeiro, o setor opera com padrões mais fracos que outros campos profissionais. Empresas com sistemas de gestão sofisticados frequentemente criam fundações baseadas na boa vontade, e não em estratégia, o que confunde a fronteira entre filantropia e caridade e normaliza a falta de rigor profissional. Muitas organizações ainda carecem de teorias da mudança claras ou estruturas de gestão de talentos. A rotatividade crônica, os baixos salários e as equipes sobrecarregadas mantêm grande parte do setor em um estado de crise permanente. Como observou uma liderança social:

“**Esgotamento não é algo pessoal, é sistêmico. Continuamos exigindo heroísmo constante em vez de construir organizações sustentáveis.**”

Segundo, o setor ainda carece de uma infraestrutura sólida de informação que oriente decisões estratégicas.

Perguntas fundamentais permanecem sem resposta: quanto financiamento vai para cada área? Quais modelos oferecem melhor custo-benefício? Onde estão as lacunas mais críticas? Embora existam estudos valiosos, da CAF, WINGS, GIFE, CEMEFI, AFE e outros, eles permanecem dispersos, sem um sistema comum para consolidar ou difundir aprendizados. A avaliação de impacto também é limitada: apenas 32% das organizações em cinco países relatam possuir ferramentas adequadas, e a maioria mede apenas resultados imediatos, como número de beneficiários alcançados ou recursos desembolsados. Histórias de sucesso raramente incluem dados sobre eficiência de custos, alcance ou taxa de permanência, e as lições aprendidas continuam isoladas.

Terceiro, os mecanismos de coordenação ainda são muito limitados para transformar o diálogo em ação. Poucos atores têm capacidade de desenhar projetos financiáveis, sintetizar diagnósticos compartilhados ou sustentar colaborações de longo prazo. Redes e espaços de encontro têm ajudado a fomentar relações, mas raramente evoluem para plataformas de execução conjunta.

Para que a filantropia alcance um impacto duradouro e escalável, é preciso investir no fortalecimento do próprio ecossistema, enxergando-se como um campo interconectado, e não apenas como um conjunto de esforços fragmentados. A questão que fica é: **quais mecanismos e incentivos podem tornar essa mudança real?**

Próximos passos

A filantropia na América Latina e no Caribe não conseguirá responder aos maiores desafios da região se não investir em si mesma. Investir em estruturas, conhecimento e pessoas não desvia recursos do impacto, é o que o torna possível.

1. Profissionalização do setor

O setor filantrópico precisa reconhecer-se como um campo profissional. Indicadores claros, mecanismos de prestação de contas e estratégias de longo prazo são essenciais. Para as organizações locais, isso também significa superar a mentalidade de escassez, que leva ao planejamento de projeto a projeto, para adotar uma visão institucional contínua, capaz de atrair doadores de longo prazo. A cooperação internacional já passou por essa transformação, evoluiu da caridade para um sistema estruturado, com padrões comuns e trajetórias profissionais bem definidas. Se a filantropia adotar abordagem semelhante e colaborar com empresas e universidades, poderá acelerar o aprendizado e fortalecer uma cultura de excelência.

Profissionalizar o setor também significa investir em pessoas, atrair talentos, promover o desenvolvimento profissional e formar a próxima geração de líderes. Programas como o HIP Líderes Fellowship demonstram que equipes sólidas geram impacto sustentável. Investir em pessoas é, portanto, um imperativo estratégico e a base de um setor capaz de impulsionar mudanças duradouras.

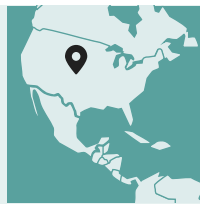
2. Informação, conhecimento e evidências como bens compartilhados

A filantropia precisa de uma base sólida de informação compartilhada para tomar decisões mais assertivas e coordenar esforços. Essa base se apoia em três pilares:

Primeiro, o mapeamento do ecossistema social e filantrópico.

Compreender quem faz o quê, onde e com quais recursos ajuda a identificar sobreposições, sinergias e lacunas críticas. Iniciativas como o painel interativo da [Inversión Social en Acción](#) e o [El Directorio Guatemala](#), uma plataforma que conecta organizações em toda a Guatemala por meio de um diretório online, eventos de networking e oportunidades de desenvolvimento profissional, são passos importantes nessa direção, mas exigem apoio contínuo e coordenação regional para alcançar escala.

Foundation Maps: consolidando dados para fortalecer a legitimidade do setor



Desenvolvida pela Candid, uma das principais organizações de dados filantrópicos, a [Foundation Maps](#) tornou-se uma das plataformas mais confiáveis dos Estados Unidos para visualizar o destino dos recursos filantrópicos. Ela reúne dados desde 2006, mostrando quem financia o quê, onde e com que valor, abrangendo doações para mais de 180 países.

Ao centralizar informações confiáveis de múltiplas fontes, a plataforma traz transparência ao setor e consolida a Candid como um ator neutro e confiável, oferecendo um modelo replicável para fortalecer a legitimidade em todo o ecossistema filantrópico.

Segundo, é preciso construir sistemas de avaliação e aprendizado. A ausência de mensuração rigorosa de impacto revela que o desafio vai além das ferramentas ou dos dados, ele reflete lacunas mais profundas de incentivos e capacidades institucionais. O setor precisa fortalecer sua cultura de transparência, aprendizado e melhoria contínua, apoiada por doadores dispostos a investir nisso. Ferramentas acessíveis já existem: o [Poverty Stoplight](#), da Fundación Paraguaya, replicado em mais de 60 países, demonstra que abordagens participativas podem transformar a mensuração em um motor de aprendizado prático e escalável.

Terceiro, é fundamental abrir caminhos reais para o compartilhamento de conhecimento. Dados sobre investimentos, impacto e boas práticas devem ser tornados acessíveis por meio de observatórios, pesquisas e bases

de dados abertas. Outros setores já apontam o caminho: a educação, com o Laboratório Latino-Americano de Avaliação da Qualidade da Educação ([LLECE](#)), e a saúde, com os observatórios da Organização Pan-Americana da Saúde ([OPS](#)). A filantropia pode aprender com esses exemplos, promovendo intercâmbios de conhecimento Sul-Sul que adaptem soluções comprovadas às realidades locais.

Cada ator tem um papel a desempenhar. Redes podem reunir e compartilhar dados; fundações podem publicar aprendizados e resultados; e famílias de alta renda podem financiar e recompensar o aprendizado. A tecnologia e a inteligência artificial podem conectar esses esforços, transformando informações dispersas em uma base compartilhada.

3. Mecanismos e atores para fortalecer o ecossistema filantrópico

Para que a filantropia alcance todo o seu potencial, ela precisa de mecanismos e atores capazes de conectar o ecossistema e mobilizar recursos de forma eficaz. Superar as barreiras atuais exige três grandes transformações:

Primeiro, é preciso desenvolver projetos que sejam financiáveis. O problema não é falta de recursos, e sim de preparo. Poucas iniciativas estão realmente prontas para investimento, e desenhar projetos do zero é caro. O setor precisa de intermediários que transformem diagnósticos em propostas financiáveis, com orçamentos claros, metas mensuráveis e planos de implementação que tornem o crescimento em escala possível.

Segundo, é essencial construir confiança entre os atores.

Encontros e conferências, por si só, não bastam. A região precisa de coordenação intencional, sustentada por visão, recursos e espaços dedicados a cada tipo de ator: redes que fortaleçam organizações locais; plataformas que conectem universidades e suas evidências; e espaços seguros onde grandes doadores possam alinhar prioridades. Como resumiu um consultor de patrimônio: **“Esses atores precisam de espaços para construir confiança e alinhamento antes de assumir compromissos financeiros.”** Algumas iniciativas já começaram a preencher essa lacuna, mas os esforços ainda permanecem dispersos.

Terceiro, é necessário reduzir a fragmentação por meio de estruturas temáticas e funcionais. As estruturas temáticas alinham prioridades em torno de causas comuns, como educação, saúde e clima; enquanto as estruturas funcionais promovem colaboração por meio de dados e padrões compartilhados. A ação climática ilustra bem esse desafio:

múltiplas métricas não coordenadas acabam fragmentando o impacto. A solução está em plataformas unificadas, que harmonizem abordagens e incentivem a ação conjunta.

Investir em mecanismos de coordenação e nos atores que os sustentam, é essencial. A filantropia deve investir em equipes estáveis, fortalecer suas capacidades e assumir compromissos de longo prazo, para que as redes evoluam de espaços de diálogo para verdadeiros motores de mudança coletiva.

Ações iniciais para ganhar impulso:

✓ Doadores

Financiar os articuladores do ecossistema: apoiar redes, plataformas, sistemas de dados e desenvolvimento de talentos e institucionalizar esse apoio como parte central da estratégia filantrópica.

Compartilhar aprendizados sobre como e por que a mudança acontece (em colaboração com organizações locais): publicar informações acessíveis não apenas sobre o que funcionou, mas também como e por que a mudança ocorreu, em quais condições e quais fatores contribuíram ou dificultaram o sucesso, para que outros possam aplicar esses aprendizados em seus próprios contextos em vez de simplesmente replicar programas.

✓ Redes e associações filantrópicas

Coordenar esforços de mapeamento e compartilhamento de dados (liderados por organizações filantrópicas): desenvolver plataformas e ferramentas que identifiquem os principais atores, recursos e impactos, reduzindo a duplicação de esforços e permitindo o planejamento conjunto.

✓ Organizações filantrópicas

Criar espaços de aprendizado entre pares para famílias de alta renda: promover fóruns onde famílias com grande patrimônio possam trocar práticas, compreender desafios locais e assumir compromissos coletivos.

Promover o aprendizado Sul-Sul: facilitar intercâmbios entre organizações locais e seus pares na África e na Ásia para identificar e adaptar soluções comprovadas em diferentes contextos.

✓ Todos os atores do ecossistema

Aproveitar a tecnologia, especialmente a inteligência artificial (com liderança das organizações filantrópicas): usar ferramentas digitais e de IA para agilizar diagnósticos, aprimorar o compartilhamento de dados e acelerar os ciclos de aprendizado coletivo.

Filantropia climática na América Latina e no Caribe: um chamado urgente à transformação



A América Latina e o Caribe estão no epicentro da crise climática global, por causa do peso desproporcional que suportam. A região contribui com menos de 10% das emissões globais de gases de efeito estufa, mas pode perder até 12% do PIB até 2050 em decorrência dos impactos climáticos. Seus ativos naturais são vitais para a estabilidade do planeta, mas estão chegando ao limite: a Amazônia já emite mais carbono do que absorve, e o Caribe perdeu 80% de sua cobertura de corais.

O financiamento climático atual está muito aquém do necessário. Na região, representa apenas 0,5% do PIB, muito abaixo dos 3,7% a 4,9% estimados como necessários. Além disso, cerca de 90% dos recursos disponíveis vêm de instituições multilaterais e títulos verdes, o que deixa pouco espaço para abordagens flexíveis e baseadas em comunidades. Em 2020, a filantropia climática global totalizou US\$23 bilhões, mas a América Latina e o Caribe receberam menos de 20% desses fundos, em comparação com os 60% destinados aos Estados Unidos e à Europa.

O Caminho à frente: primeiros avanços, muito ainda a fazer

A região conta com iniciativas promissoras que demonstram o potencial da filantropia climática, mas esses esforços precisam multiplicar-se e ganhar escala. Alguns exemplos-chave incluem:

- **Fortalecer a cooperação regional:** a Plataforma de Agricultura Inteligente para o Clima reúne 11 países, e a Parceria NDC já apoiou 29 países, com mais de US\$16 milhões para a implementação de compromissos climáticos. No entanto, ambas as iniciativas precisam de continuidade política e financeira para se manterem.

- **Ampliar o capital local e internacional:** a Fundação Interamericana (IAF) já investiu US\$945 milhões em 6.000 organizações. Os acordos de conversão de dívida por ação climática liberaram mais de US\$2 bilhões desde 2020, mas os volumes totais ainda são limitados.
- **Apoiar a resiliência de longo prazo:** o Programa de Pequenos Subsídios do GEF mostra que doações de apenas US\$50.000 podem mobilizar US\$1,36 adicional por dólar investido. O desafio é expandir esse modelo em compromissos de longo prazo, com duração de uma década ou mais.
- **Desenvolver liderança comunitária:** a Aliança Mesoamericana administra 50 milhões de hectares sob gestão indígena e comunitária, provando que a governança local gera resultados de conservação mais robustos, um modelo pronto para ser replicado em outras regiões.
- **Fortalecer a capacidade institucional para um impacto duradouro:** iniciativas como o Climate-KIC/IDB Lab, que fortaleceu 26 organizações em 11 países, e a Plataforma Regional de Mudança Climática, que reúne 26 ministérios das finanças, mostram avanços importantes. Ainda assim, é preciso fazer mais para transformar esses ganhos em políticas públicas replicáveis.

A região está em um ponto de inflexão. Os próximos cinco anos determinarão se a Amazônia sobreviverá como ecossistema funcional, se o Caribe continuará habitável, e se a América Central conseguirá garantir seus sistemas alimentares. A filantropia pode desempenhar um papel decisivo nessa transformação, fornecendo capital de longo prazo, apoiando a liderança comunitária e convertendo projetos isolados em alianças duradouras para uma mudança sistêmica.

Reflexões finais

Este documento é um chamado coletivo à ação: chegou o momento de a filantropia na América Latina e no Caribe se redefinir e ampliar seu impacto.

O que já foi alcançado é significativo, mas ainda está muito aquém da escala dos desafios da região. Melhorias incrementais já não são suficientes. O status quo impõe altos custos de oportunidade: recursos dispersos, decisões tomadas longe da realidade local e esforços que não resultam em transformações duradouras. A filantropia precisa evoluir, voltando-se para as causas estruturais, adotando uma mentalidade de investimento social de longo prazo, profissionalizando suas práticas e atuando como um sistema interconectado, baseado na confiança.

A filantropia possui uma vantagem única. Diferentemente do capital público, limitado por ciclos políticos, ou do capital privado, que busca retorno financeiro, o capital filantrópico pode assumir riscos, incubar inovação e sustentar soluções de longo prazo. Essa característica singular vem acompanhada de uma responsabilidade: agir com ousadia onde outros não podem. Quando a filantropia apenas replica modelos existentes, ela perde relevância; mas quando abraça seu potencial transformador, torna-se indispensável.

As cinco agendas apresentadas aqui não são iniciativas isoladas, mas partes interdependentes de um mesmo sistema. Sem colaboração, os recursos se fragmentam. Sem protagonismo local, a colaboração não se sustenta. A ação local exige capacidades fortes, mas fortalecer apenas alguns atores limita o impacto do conjunto. A confiança é o tecido conectivo que mantém tudo unido.



A transformação se constrói com esforço contínuo e compromisso compartilhado. A colaboração se aprende colaborando. A confiança se forja com consistência. A inovação só avança quando há espaço para o erro. Cada ator tem um papel: famílias e cidadãos, doando; fundações, adotando novos modelos; organizações locais, diversificando seu financiamento e liderança; e empresas e fundações corporativas, assumindo compromissos de longo prazo.

O convite é claro: pensar com ousadia e agir com decisão. A filantropia deve assumir riscos e ajudar a desenhar uma arquitetura compartilhada que possibilite e sustente a mudança. Este documento busca contribuir para esse esforço, fortalecendo capacidades, conectando iniciativas e acelerando um movimento coletivo de transformação em toda a região.

Referências

Relatórios consultados

AFE. 2018. Foundations in Colombia: Characteristics, Trends and Challenges. Bogotá: Asociación de Fundaciones Empresariales. Disponível em: <https://afecolombia.org/wp-content/uploads/2022/07/FUNDACIONES-En-Colombia-INGLE%CC%81S-FINAL.pdf>

Agcid Chile y PNUD. 2021. La incorporación de la innovación en la cooperación internacional para el desarrollo. Santiago. Disponível em: https://www.agcid.gob.cl/images/centro_documentacion/Incorporacion_de_la_Innovacion_en_la_CI_Doc_PNUD.pdf

Asia Philanthropy Circle. 2024. Guide to Funder-Funder Collaboration in Asia. Singapur. Disponível em: <https://asiaphilanthropycircle.org/apc-collaboration-catalogue-2-preview-guide-to-funder-funder-collaboration-in-asia/>

Aspen Network of Development Entrepreneurs, Aspen Institute. 2023. Inversión de Impacto en América Latina: Tendencias 2020–2021. Washington, DC. Disponível em: https://andeglobal.org/wp-content/uploads/2023/04/latam_impact_investing_2023_ES_final.pdf

Bird, M. D., y V. M. León. 2024. “Strengthening Global Institutional Philanthropy: Insights from an Organisational Capacity Index in Latin America.” Voluntary Sector Review.

CAF y STEP. 2023. Building the Future: Advising Latin American Philanthropy from Miami. Washington, DC. Disponível em: <https://cafamerica.org/reports/building-the-future/>

CAF. 2024. World Giving Index: Global Trends in Generosity. Londres: Charities Aid Foundation. Disponível em: https://www.cafonline.org/docs/default-source/inside-giving/wgi/wgi_2024_report.pdf

CEFIS. 2019. Primer Barómetro de Filantropía en Chile: Tendencias e Índice de Desarrollo. Santiago. Disponível em: <https://cefis.uai.cl/assets/uploads/2020/08/primer-barometro-de-filantropia-en-chile.pdf>

CEFIS. 2021. Asociación de Cajamarca (ALAC): La adaptación de una fundación a los desafíos de un territorio. Santiago. Disponível em: <https://filantropialatam.uai.cl/wp-content/uploads/2021/09/Caso-ALAC.pdf>

CEFIS. 2024. Caminos para promover diagnósticos participativos orientados al desarrollo de comunidades sostenibles. Santiago. Disponível em: <https://cefis.uai.cl/assets/uploads/2025/01/reporte-caminos-para-promover-diagnosticos-participativos.pdf>

CEMEFI. 2023. Siete tendencias de la filantropía. Ciudad de México. Disponível em: <https://www.cemefi.org/wp-content/uploads/2023/03/Siete-Tendencias-Filantropia-Sociedad-Civil-Cemefi-2023.pdf>

Centro para la Investigación Forestal Internacional (CIFOR). 2016. Guía práctica para el monitoreo participativo de gobernanza. Bogor, Indonesia. Disponível em: https://www.cifor-icraf.org/publications/pdf_files/Books/BEvans1601.pdf

Centro Regional de América Latina y el Caribe de la Iniciativa Innovación para el Cambio. 2023. Aportes, retos y desafíos de las organizaciones de la sociedad civil en América Latina: Informe Región Andina. Bogotá. Disponível em: <https://research-lac.org/wp-content/uploads/2023/08/Aportes-retos-y-desafios-OSC-I4C.pdf>

Centro Regional de Responsabilidad Social (CENTRORS-CA). 2024. Estudio línea base sobre filantropía e inversión social regional. Disponível em: <https://centrors-ca.org/recurso/34/estudio-linea-base-sobre-filantropia-e-inversion-social-regional>

CIAT. 2016. Experiencias de evaluación de impacto del cambio climático en Centroamérica. Managua: Centro Internacional de Agricultura Tropical. Disponível em: https://www.cac.int/sites/default/files/A_Mart%C3%ADnez...Experiencias_de_Evaluaci%C3%B3n_de_Impacto_del_Cambio_Clim%C3%A1tico_en_Centroam%C3%A9rica.pdf

CIVICUS. 2022. 2021–2022 Interim Accountability Report. Disponível em: <https://accountablenow.org/wp-content/uploads/2023/04/CIVICUS-AN-2021-22-Interim-Report.pdf>

CIESC. 2024. El fortalecimiento de las capacidades para colaborar. Disponível em: <https://ciesc.org.mx/publicacion/el-fortalecimiento-de-las-capacidades-para-colaborar/>

Colmena Consulting y Dorothy A. Johnson Center. 2024. Patterns in the Tapestry: A Typology of Collective Giving Groups. Grand Rapids, MI. Disponível em: <https://johnsoncenter.org/wp-content/uploads/2024/12/patterns-in-the-tapestry-a-typology-of-collective-giving-groups.pdf>

Council of Foundations. 2022. The State of Global Giving by US Foundations: 2022 Edition. Washington, DC. Disponível em: <https://cof.org/sites/default/files/documents/files/private/2022-state-global-giving-US-foundations.pdf>

Dorothy A. Johnson Center for Philanthropy. 2024. Connecting Community and Family Philanthropy in Latin America: Mexico. Grand Rapids, MI. Disponível em: <https://johnsoncenter.org/wp-content/uploads/2024/12/Latin-America-Report-Mexico-English-FINAL.pdf>

Harvard Kennedy School y UBS. 2018. Global Philanthropy Report. Cambridge, MA. Disponível em: https://www.hks.harvard.edu/sites/default/files/2023-09/global_philanthropy_report_final_april_2018.pdf

IDB. 2022. TRUST: The Key to Social Cohesion and Growth in Latin America and the Caribbean. Washington, DC: Inter-American Development Bank. Disponível em: <https://publications.iadb.org/en/publications/english/viewer/Trust-The-Key-to-Social-Cohesion-and-Growth-in-Latin-America-and-the-Caribbean-Executive-Summary.pdf>

Instituto Ayrton Senna. 2022. Processos de gestão para o ciclo de alfabetização. São Paulo. Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/app/uploads/2022/11/instituto-ayrton-senna-processos-de-gestao-para-o-ciclo-de-alfabetizacao.pdf>

Latimacto, Momentum y WINGS. 2023. Public Development Banks and Philanthropies: No Longer Strangers. Bogotá. Disponível em: https://latimacto.org/wp-content/uploads/2023/09/Whitepaper_PDBs_ago23_varios_n64f8bcd6277f0.pdf

Latimacto. 2021. Inversión social e impacto: casos y tendencias en América Latina. Bogotá. Disponível em: <https://latimacto.org/inversion-social-e-impacto-casos-y-tendencias-en-america-latina/>

Latindadd. 2022. Official Development Assistance in Latin America and the Caribbean: Situation and Trends. Lima. Disponível em: <https://www.latindadd.org/wp-content/uploads/2022/11/AOD-de-la-region-ENGLISH.pdf>

Movimiento por uma Cultura de Doação, Sitawi y Fipe. 2023. The Importance of the Third Sector for the GDP in Brazil. São Paulo. Disponível em: https://sitawi.net/wp-content/uploads/2024/08/the-importance-of-the-third-sector-for-the-gdp-in-brazil_sitawi.pdf

Nonprofit Tech for Good. 2018. Informe sobre tendencias globales de donación. Disponível em: <https://www.nptechforgood.com/wp-content/uploads/2020/10/2018-GivingReport-Spanish.pdf>

OAK Foundation y Ruta Cívica. 2024. Understanding the Re-granting Ecosystem in the Global South: Environment, Gender, Social Justice & Human Rights in Asia, Latin America and the Caribbean. Ginebra. Disponível em: https://oakfnd.org/wp-content/uploads/2024/06/RutaCivica-Part-1-Executive-Summary-Recommendations_-Understanding-re-granting-ecosystem-in-global-south.pdf

ONG-IDEAs. 2018. Caja de herramientas participativas para el monitoreo de efectos e impactos. Bonn. Disponível em: <https://generoymetodologias.org/media/publicaciones/archivos/03-caja-de-herramientas-participativas-para-el-monitoreo-y-evaluacion3b3n.pdf>

Philanthropy.org. 2024. The Future of Multiplicative Giving: How AI, Data, and Collective Philanthropy Will Reshape Impact. Disponível em: <https://philanthropy.org/the-future-of-multiplicative-giving-how-ai-data-and-collective-philanthropy-will-reshape-impact>

RACI y Innovación para el Cambio. 2023. Tendencias de la cooperación internacional en América Latina y el Caribe. Buenos Aires. Disponible em: <https://www.cemefi.org/centrodedocumentacion/11683.pdf>

RedEAmérica. 2020. Guía para diagnósticos participativos y desarrollo de base. Bogotá. Disponible em: <https://www.fundacionmerced.org.mx/wp-content/uploads/2020/03/Fundacion-Merced-Diagnosticos-y-Desarrollo-Base.pdf>

Stanford PACS Center of Philanthropy and Civil Society y CEFIS. 2022. Guía para una filantropía efectiva en América Latina. Santiago. Disponible em: <https://pacscenter.stanford.edu/wp-content/uploads/2022/04/guia-para-una-filantropia-efectiva-en-america-latina-cefis-uai-y-stanford-pacs.pdf>

Stanford PACS Center of Philanthropy and Civil Society. 2020. The Stanford PACS Guide to Effective Philanthropy. Stanford, CA. Disponible em: https://pacscenter.stanford.edu/wp-content/uploads/2021/10/Guide_FINAL_chpt.13_8.5x11.pdf

UBS y Latimacto. 2023. Latin American Families with Impact Vision. Disponible em: <https://www.ubs.com/global/es/wealthmanagement/latamaccess/wealth-planning/articles/latin-america-impact-families.html>

UN Global Crisis Response Group. 2024. Aid under Pressure. Nueva York: Naciones Unidas. Disponible em: https://unctad.org/system/files/official-document/un-gcrg-oda-report_en.pdf

Universidad del Pacífico y CEFIS. 2022. Filantropía institucional efectiva: cinco casos de América Latina. Lima. Disponible em: <https://cefis.uai.cl/assets/uploads/2022/12/filantropia-institucional-efectiva--cinco-casos-de-amrica-latina.pdf>

Universidad del Pacífico. 2019. Hacia el fortalecimiento de la filantropía institucional en América Latina. Lima. Disponible em: https://cefis.uai.cl/assets/uploads/2020/07/hacia_fortalecimiento_filantropia_institucional_amrica-latina_07-02-2.pdf

USAID. 2022. Local Capacity Strengthening Policy. Washington, DC. Disponible em: <https://www.k-state.edu/crcil/files/cn-usaid/LCS-Policy-2022-10-17.pdf>

WINGS, CEFIS y IUPUI. 2023. Rules and Incentives: Mapping the Legal Framework for Non-profit Organisations and Philanthropy in Latin America and the Caribbean. Disponible em: <https://scholarworks.indianapolis.iu.edu/server/api/core/bitstreams/91768769-29b9-42c7-b52c-a184b52b33b3/content>

WINGS. 2023. The Philanthropy Transformation Initiative Report: Enabling Change, Walking the Talk and Creating the Future. Disponible em: <https://wings.issuelab.org/resource/the-philanthropy-transformation-initiative-report.html>

WINGS. 2023. Transparency and Accountability in Philanthropy and Private Social Investment. Disponible em: <https://www.issuelab.org/resources/20911/20911.pdf>

Otras referencias

Banco Interamericano de Desarrollo (BID). 2025. Cómo los bonos azules y los créditos de biodiversidad fomentan la conservación y la resiliencia. Disponible em: <https://blogs.iadb.org/efectividad-desarrollo/es/como-los-bonos-azules-y-los-creditos-de-biodiversidad-fomentan-la-conservacion-y-la-resiliencia/>

Banco Interamericano de Desarrollo (BID). 2025. Datos abiertos: una puerta de entrada al conocimiento. Disponible em: <https://blogs.iadb.org/conocimiento-abierto/es/datos-abiertos-una-puerta-de-entrada-al-conocimiento/>

CACIF. 2024. Mapeo y sistematización de programas e iniciativas sociales impulsadas por el sector privado. Guatemala. Disponible em: <https://cacif.org.gt/mapeo-y-sistematizacion-de-programas-e-iniciativas-sociales-impulsadas-por-el-sector-privado-2024/>

Caribbean Philanthropic Alliance. 2025. Sitio institucional. Disponible em: <https://cariphilalliance.org/>

CEFIS. 2024. Índice de capacidad organizacional. Santiago. Disponible em: <https://filantropialatam.uai.cl/indice-de-capacidad-organizacional/>

Comunalia. 2024. Signos vitales: fortalecimiento de capacidades. Disponible em: <https://comunalia.org.mx/>

Comunalia. 2024. Un acercamiento hacia el desarrollo comunitario y la Agenda 2030. Disponible em: <https://comunalia.org.mx/>

Costa Rica por Siempre. 2024. Fundaciones comunitarias en el marco del programa de economía verde-azul. Disponible em: <https://costaricaporsiempre.org/programa-economia-verde-azul/fundaciones-comunitarias/>

Critical Ecosystem Partnership Fund (CEPF). 2024. Promoting conservation through beekeeping, Sierra de Bahuco National Park. Disponible em: <https://es.cepf.net/grants/grantee-projects/promoting-conservation-through-beekeeping-sierra-de-bahuco-national-park>

Directorio Guatemala. 2025. Directorio digital de organizaciones. Disponible em: <https://directorioguatemala.org/>

Donar Online. 2025. Plataforma de recaudación digital. Disponible em: <https://donaronline.org/>

Ecuador Desarrollo. 2024. El cierre de USAID y sus consecuencias humanitarias en América Latina. Disponible em: <https://ecuadordesarrollo.com/analisis-el-cierre-de-usaid-y-sus-consecuencias-humanitarias-en-america-latina/>

El País. 2025. No es solo Estados Unidos: Alemania también recorta sus fondos de cooperación en Colombia. Disponible em: <https://elpais.com/america-colombia/2025-04-07/no-es-solo-estados-unidos-alemania-tambien-recorta-sus-fondos-de-cooperacion-en-colombia.html>

FCAM Foundation. 2025. Quiénes somos. Disponible em: <https://fcamfoundation.org/es/conocenos/quienes-somos/>

Fondo Acción. 2023. Informe de gestión 2023. Bogotá. Disponible em: <https://fondoaccion.org/wp-content/uploads/2024/03/240229-Informe-de-Gestion-2023-Marzo-21.pdf>

Fondo Acción. 2024. Informe de gestión 2024. Bogotá. Disponible em: <https://fondoaccion.org/wp-content/uploads/2025/06/Informe-de-gestion-2024.pdf>

Forbes. 2025. Las 10 personas más ricas de América Latina en 2025. Disponible em: <https://forbes.co/2025/04/02/actualidad/las-10-personas-mas-ricas-de-america-latina-en-2025>

Foreign Assistance. 2024. Aid Trends. Disponible em: <https://foreignassistance.gov/aid-trends>

Fundación EU-LAC. 2024. Centro Mexicano para la Filantropía (CEMEFI). Disponible em: <https://eulacfoundation.org/en/centro-mexicano-para-la-filantropia-cemefi>

Fundación Oaxaca. 2025. Sitio institucional. Disponible em: <https://fundacion-oaxaca.org/>

GIFE. 2025. Sitio institucional. Disponible em: <https://gife.org.br/>

Glasswing International. 2025. Sitio institucional. Disponible em: <https://glasswing.org/es/>

Global Fund for Children. 2024. Haciendo realidad nuestros sueños: construyendo apoyo comunitario para la educación en Centroamérica. Disponible em: <https://globalfundforchildren.org/es/story/haciendo-realidad-nuestros-suenos-construyendo-apoyo-comunitario-para-la-educacion-en-centroamerica/>

Globe Banner. 2025. Caribbean initiatives blend conservation with economic growth. Disponible em: <https://globebanner.com/stories/670216252-caribbean-initiatives-blend-conservation-with-economic-growth>

Universidad Nacional Autónoma de Honduras. 2025. Honduras entre los tres países más vulnerables del mundo según el índice de riesgo climático 2025. Disponible em: <https://blogs.unah.edu.hn/presencia-universitaria/honduras-entre-los-tres-paises-mas-vulnerables-del-mundo-segun-el-indice-de-riesgo-climatico-2025/>

Cinco agendas para transformar a filantropia na América Latina e no Caribe

rockefellerfoundation.org



The
Resource
Foundation

Dalberg